

diversas crenças que constituem uma rede de significados. A explicação diacrónica permite-nos, por conseguinte, perceber qual é a relação condicional que se estabelece entre uma tradição intelectual, a rede de significados inicial, o dilema, e a rede de significados modificada.

À luz das considerações acima produzidas, pensamos ser fácil para o leitor adivinhar qual a nossa opinião quanto a esta obra de Mark Bevir. É uma referência incontornável para todos quantos procuram na história das ideias mais do que uma mera narrativa de ideias passadas, uma reconstrução histórica dos conceitos com que lidamos todos os dias. Uma reconstrução que, como explica Skinner em *Liberty before Liberalism*, nos permita olhar para estes conceitos (demasiado) familiares com um distanciamento crítico que só a história pode dar-nos.

FILIFE CARREIRA DA SILVA

António Firmino da Costa, Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural, Oeiras, Celta, 1999, 539 páginas.

Brevemente, pode começar por se apresentar este livro como um estudo aprofundado e detalhado sobre a identidade cultural de Alfama, um dos bairros mais emblemáticos da cidade de Lisboa. Em três anda-

mentos bem equilibrados, o leitor é conduzido através de um percurso que o vai aproximando ao bairro em causa — a *rumorosa, a histórica, a marinheira Alfama, coração da Lisboa antiga*¹... — e, sobretudo do, a um tipo específico de configuração sócio-cultural localmente enraizada que António Firmino da Costa designa por *sociedade de bairro*.

Apesar de esta investigação assumir os contornos de um estudo de caso, metodologicamente assente na pesquisa de terreno, este trabalho ultrapassa em grande medida o próprio bairro, sempre entendido como lugar estratégico de investigação e nunca como noção *auto-evidente*. Bairro e identidade cultural, noções centrais neste livro, são encarados, pois, como *algo a decifrar*, a questionar, a problematizar, e nunca como entidades existentes *a priori*. A identificação e análise minuciosa de todo um conjunto de processos *exógenos, endógenos e interlocais* que participam na construção social da identidade cultural deste bairro — e, em última análise, da própria cidade — constituem, assim, o núcleo duro da obra, que corresponde a uma tese de doutoramento em Sociologia defendida no ISCTE em 1999.

Inspirando-se na conhecida obra de William F. White, *Street Corner Society* (1943), *sociedade de bairro* surge, deste modo, como uma *configuração social de características singulares* (p. 142), não como um

¹ Júlio de Castilho (1981 [1893]), *A Ribeira de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, vol. 1, p. 199.

ponto de partida, mas sim como um ponto de chegada, sendo, por essa razão, um conceito inovador com possibilidades heurísticas óbvias.

O livro organiza-se em três partes admiravelmente concebidas — na solidez e coerência internas, no rigor do argumento teórico, na clareza metodológica, até na fluência e limpidez de um eixo narrativo original. Uma discussão sistemática, minuciosa e bem actualizada da extensa bibliografia que se pode recensear sobre os temas tratados tem ainda a vantagem de vir condensada em sintéticas e muito elucidativas notas de pé-de-página, o que facilita claramente a leitura desta, já, obra de referência de sociologia e, na minha opinião, também de antropologia urbana.

Num primeiro momento é a identificação morfológica, social e cultural do bairro que está em causa, produzida por complexos processos de contaminação recíproca entre o interior e o exterior desse lugar. Primeiro, a partir de um olhar exterior, tentando perceber a sua grande visibilidade social, depois, com um olhar de dentro, profundamente conhecedor do seu interior. Os seus limites físicos e uma primeira caracterização sócio-cultural constituem os grandes eixos temáticos desta primeira parte. Assim, a sua visibilidade como facto socialmente construído e, muito concretamente, a produção de uma *imagem de marca* nítida, enquanto *conjunto urbano típico* (pela malha urbana, mourisca e medieval, perfil das casas, mistura social entre

classes nobres e populares, militar e religioso, funcional e decorativo, etc.), decorrem de uma mistura de elementos provenientes de várias instâncias, como sejam o discurso histórico, olisipográfico e turístico, todo um leque de intervenções patrimonializantes e folclorizantes ou até a sua própria «visitabilidade», através da intensidade de visitas turísticas, festivas e escolares de que este bairro é objecto (cap. 1).

Para além desta imagem, de certa forma oficial, do bairro, AFC preocupa-se em dar conta do que é Alfama para os seus habitantes e quem são estes habitantes... Aqui o leitor entra em Alfama: Alfama de contornos físicos algo imprecisos — embora polarizada pelas duas igrejas que dão o nome às freguesias que lhe pertencem — tem uma determinada configuração morfológica e populacional que é descrita ao pormenor nos seus declives, na sua malha urbana, nas suas casas e edifícios, na densidade da sua população e, sobretudo, na sua composição diversificada, nas suas actividades profissionais, nas suas redes sociais, nos seus retiros, nas suas colectividades, nas suas festas, no seu fado... enfim, nas múltiplas dimensões da sua estruturação social que lhe dão essa configuração especial de *sociedade de bairro*. Alfama revela-se assim nos seus *contornos plásticos*, nos seus *núcleos de referência identitária* e nas suas *demarcações face a outros bairros e ao exterior* (cap. 2).

Após esta prévia identificação do bairro, o leitor é convidado a entrar

nele, a conhecê-lo ao pormenor — nas suas práticas quotidianas e nas suas representações e, sobretudo, na relação entre formas de estruturação social e de produção da sua identidade cultural. Nesta segunda parte do livro, três dimensões inter-relacionadas, embora estrategicamente separadas, são aprofundadas: cultura, classes, interacção.

Desta forma, a segunda parte constitui o seu núcleo estruturante, revelando aqui, em todas as dimensões e matizes possíveis, o sentido profundo deste tipo específico de configuração sócio-cultural territorialmente enraizada: a *sociedade de bairro*.

Primeiro, a dimensão cultural. As práticas do fado amador, as marchas populares, os arraiais e o carnaval, enquanto formas singulares de cultura popular urbana, são exemplos paradigmáticos da intensa produção cultural própria deste bairro. Os seus protagonistas não só detêm uma forma específica de *capital cultural popular*, como também se constituem como mediadores que transitam e comunicam entre mundos culturalmente diferenciados, incorporando elementos diversos e sincréticos nessas formas culturais (cap. 3).

Depois, a dimensão da estratificação social: a composição socialmente estratificada da sua população e as suas trajectórias de mobilidade. Aqui encontra-se uma das partes mais genialmente conseguidas do livro. A complementaridade entre a pesquisa de tipo intensivo/qualitativo com os procedimentos de investigação extensiva e quantitativa compõe um muito

feliz casamento. O cuidado extremo com que AFC contextualiza os dados quantificáveis a partir de um excelente e longo trabalho de campo e o rigor da análise que faz, criando indicadores facilmente compreensivos — como, por exemplo, os sócio-profissionais — que permitem a comparação, sem, no entanto, desvirtuarem as pequenas diversidades e *nuances* locais, enriquecem exponencialmente este trabalho. A caracterização do tecido social desigualitário deste bairro, com uma população diversificada em termos de origem, classe, sexo, género, actividades sócio-profissionais, nível de instrução, a identificação das múltiplas estratégias residenciais, familiares, migratórias, que tornam o bairro um *entreposto de mobilidade social*, levam o autor a caracterizar Alfama como um universo social popular, basicamente semelhante a outros rurais, também por ele estudados. Com efeito, o fenómeno de migração em cadeia detectado entre aldeias da cordilheira central e este bairro levou-o a analisar ao detalhe etnográfico percursos de migrantes que, num original processo de mobilidade espacial e social entre estes dois territórios, se inseriram entre dois meios: urbano e rural. A percepção de que as permanências da identidade cultural de Alfama coexistem com uma rotação populacional intensa leva, finalmente, o autor a descobrir, progressivamente, a importância do contexto social da vida local e a produzir essa noção tão feliz que é a de *quadro de interacção local* (cap. 4).

Por último, a sua dimensão interaccional: o bairro enquanto quadro de interacção — ou, por outras palavras, a importância do contexto local das interacções na constituição da sociedade de bairro alfamista e da sua identidade cultural. O quadro de interacção local caracteriza-se, assim, por traços de natureza morfológica, relacional e simbólica — carácter labiríntico da malha urbana, relação casa/rua, densidade de redes sociais locais, sítios de vizinhança, colectividades, influência do patrocínio e clientelismo relacionado, por exemplo, com as actividades portuárias e turísticas ou com os prolongamentos de instituições supralocais existentes no bairro, rivalidades intra e inter-bairristas, formas de cultura popular urbana, como o fado e as marchas, etc. (cap. 5).

A terceira e última parte do livro ocupa-se das transformações recentes do bairro e da identificação do que permaneceu e do que mudou ao longo dos cerca de vinte anos de observação continuada que constituem o substrato empírico desta investigação. Aqui as mudanças económicas e as recomposições sócio-profissionais, o nascimento de uma cultura mediática e de novos estilos de vida e, muito particularmente, o processo de reabilitação urbana iniciado nos anos 80 são analisados detalhadamente, etnograficamente, no sentido de encontrar as persistências que, apesar destes vectores de mudança social, fazem com que Alfama se continue a caracterizar como uma *sociedade de bairro*, cuja configuração cultural apresenta formas de cultura popular urba-

na, estilos relacionais próprios e uma persistente identidade cultural (caps. 6 e 7).

Após este breve e incompleto resumo, cabe ainda assinalar que *Sociedade de Bairro* constitui, na realidade, um marco importante no quadro dos estudos urbanos portugueses. Embora os bairros já tenham suscitado algumas investigações no âmbito das ciências sociais (cf. p. 143), esta investigação apresenta algumas originalidades notáveis. Gostaria de destacar quatro delas.

Em primeiro lugar, a utilização de uma pluralidade de métodos e técnicas de pesquisa, articulando com uma maestria indiscutível a pesquisa de terreno antropológica — da melhor que se tem feito mesmo no âmbito da própria antropologia — com procedimentos de investigação extensiva e quantitativa. O pormenor etnográfico surge de uma forma sistemática, a relativizar o dado estatístico e, mais do que isso, o próprio trabalho de campo acaba por funcionar como o grande regulador das técnicas de análise quantitativa. A teoria é sempre empiricamente baseada.

Em segundo lugar, o contributo para um melhor conhecimento de formas de cultura popular especificamente urbanas, ganho indiscutível para o próprio conhecimento da urbanidade de uma cidade como Lisboa. Sabendo nós que os estudos urbanos estão ainda demasiado impregnados de mitos e preconceitos sobre formas de urbanidade, decorrentes do desconhecimento de certas cidades e de certos estilos de urbanidade, este fac-

to, por si só, contribui não só para o desenvolvimento da antropologia urbana como parte integrante de uma teoria comparativa das sociedades humanas como, sobretudo, alimenta e enriquece toda uma discussão aprofundada sobre a própria natureza do urbano de um modo não etnocêntrico e culturalmente relativizador.

Em terceiro lugar, este estudo é exemplar do ponto de vista de uma ética do trabalho científico. O envolvimento de AFC com a realidade estudada, enquanto mediador entre as populações estudadas e os lugares de decisão e de influência, revela um estilo de pesquisa científica radicada na solidariedade interpessoal e na acção cívica. Mostra de uma forma exemplar como um trabalho pode ser, ao mesmo tempo, academicamente irrepreensível, socialmente útil e esteticamente agradável.

Por último, talvez a nota de originalidade mais importante, que se prende com uma postura de abertura disciplinar particularmente simpática para com a antropologia. Ao longo deste texto não é apenas invocada a importância que a antropologia assumiu ao longo da sua formação científica. Na sua prática de investigação, AFC rompe com algumas tradicionais barreiras disciplinares, revelando, no seu melhor, como a ciência é, de facto, um sistema aberto capaz de estabelecer pontes e incorporar teorias, métodos e estilos de conhecimento de várias disciplinas. E deixa bem patente que, do mesmo modo que o bairro de

Alfama, com a sua identidade forte, não se torna, por essa razão, um *ghetto* ou um enclave, também as disciplinas das ciências sociais não precisam de se fechar em fronteiras rígidas para preservarem a sua identidade...

GRAÇA ÍNDIAS CORDEIRO

Maurizio Viroli, Republicanesimo, Bari, Laterza, 1999.

Este livro de Maurizio Viroli¹ constitui mais uma peça na actual revalorização do republicanismo. Grande especialista de história das ideias políticas da Europa moderna, Viroli procura reconstituir aquilo a que chama o republicanismo clássico, que filia nas correntes dominantes da política romana (Tito Lívio e Cícero), mas, sobretudo, na sensibilidade política das repúblicas italianas, mais tarde teorizadas por Maquiavel e por Guicciardini. É justamente esta evocação do seu momento mais clássico que, na opinião de Viroli, permite

¹ N. 1945, professor em Princeton («Politics»), *Machiavelli and Republicanism* (org., com Gisela Bock e Quentin Skinner), *Dalla politica alla ragion di stato, La scienza del governo tra XIII e XVII secolo*, 1993, *Per amore della patria*, 1995, *Il sorriso di Nicolò. Storia di Machiavelli*, 1998, e intervenções como comentador político: <http://www.swif.uniba.it/lei/rassegna/viroli.htm> (2001-6-14) (1994).